



# XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:  
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

## XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

### GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

#### ASPECTOS HISTÓRICOS ACERCA DA PRESENÇA DO FEMININO NA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA

#### *HISTORICAL ASPECTS ABOUT THE PRESENCE OF THE FEMININE IN THE BRAZILIAN LIBRARY*

Ana Laura Silva Xavier, Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Deise Maria Antonio Sabbag, Universidade de São Paulo (USP/Ribeirão Preto) /  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** A pesquisa parte do pressuposto que a Biblioteconomia brasileira contemporânea integra o *hall* de profissões feminizadas, visto que desde a década de 1930 a profissão concentra um alto número de mulheres. Ao se delinear o percurso histórico da área, observou-se que inicialmente a profissão de bibliotecária/o foi protagonizada por homens devido à forte influência europeia que permeava a sociedade brasileira no decorrer do período colonial e republicano. Adotou-se uma abordagem qualitativa com procedimentos bibliográficos, documentais e históricos como modo de atingir o objetivo de evidenciar a presença de mulheres no percurso histórico da Biblioteconomia brasileira. Os resultados obtidos demonstram que a Biblioteconomia se estabeleceu como escolha profissional para mulheres a partir de 1929 por intermédio do *Mackenzie College* em São Paulo, cujo enfoque consistia na pragmática estadunidense. Concluiu-se que a partir deste momento, a profissão bibliotecária se consolidou como técnica, se aproximou do Magistério e foi inscrita no Setor Terciário da Economia, características estas que, segundo a ótica da Divisão Sexual do Trabalho, foram cruciais para que a profissão fosse considerada como feminizada.

**Palavras-Chave:** história da Biblioteconomia; mulheres na Biblioteconomia; Biblioteconomia brasileira; divisão sexual do trabalho; profissões feminizadas.

**Abstract:** The research assumes that contemporary Brazilian Librarianship is part of the hall of feminized professions, since since the 1930s the profession has concentrated a high number of women. When outlining the historical path of the area, it was observed that initially the profession of librarian was carried out by men due to the strong European influence that permeated Brazilian society during the colonial and republican period. A qualitative approach was adopted with bibliographic, documentary and historical procedures as a way to achieve the objective of highlighting the presence of women in the historical path of Brazilian Librarianship. The results obtained show that Librarianship was established as a professional choice for women from 1929 onwards through Mackenzie College in São Paulo, whose focus was on the pragmatics of the United States. It was concluded that from this moment on, the librarian profession consolidated itself as a technician, approached the teaching profession and was enrolled in the Tertiary Sector of Economics, characteristics that, according to the view of the Sexual Division of Labor, were crucial for the profession to be considered as feminized.

**Keywords:** history of Librarianship; women in Librarianship; Brazilian Librarianship; sexual division of labor; feminized occupations.

## 1 INTRODUÇÃO

Parte-se do pressuposto que a Biblioteconomia é considerada uma profissão feminina dado o número significativo de mulheres presentes na área (FERREIRA; BORGES; BORGES, 2010) e que ao se mobilizar as questões de gênero no âmbito da profissão bibliotecária, entende-se “[...] a predominância feminina como um dos fatores que contribuem para ser uma carreira que não corresponde aos padrões sociais de uma profissão reconhecida, bem remunerada e de prestígio; portanto, tem o gênero como elemento estruturador de suas práticas (SOUSA, 2014, p. 234).

Faz-se neste trabalho um recorte de uma pesquisa maior desenvolvida em nível de mestrado, de modo que por ora se apresenta o percurso histórico da Biblioteconomia brasileira com ênfase nos fatores que contribuíram para a que a profissão se tornasse feminizada atualmente. Emprega-se uma abordagem qualitativa com procedimentos bibliográficos, documentais e históricos.

Compreende-se a Biblioteconomia como: “[...] Conjunto dos conhecimentos profissionais referentes aos documentos, aos livros e à biblioteca” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 55) complementado por Ortega (2004, p. 01 e 10): “[...] como a área que realiza a organização, gestão e disponibilização de acervos de bibliotecas” e que foi “[...] alterando-se com o tempo por meio da democratização do acesso à educação e à cultura”. Aborda-se o conceito de Biblioteconomia em referência aos seus três segmentos “ensino, profissão e mercado de trabalho” (JOB, OLIVEIRA, 2006, p. 259), visto que “como qualquer outro campo de trabalho que adquiriu o status de profissão universitária, a Biblioteconomia pode ser estudada dos ângulos do ensino e da prática profissional” (SOUZA, F., 1990, p. 09, grifo do autor).

Ao se observar o percurso histórico da Biblioteconomia no Brasil, constata-se que a Biblioteconomia enquanto profissão feminizada consiste em uma característica recente. A tradição bibliotecária emergiu no país com a chegada das Ordens Religiosas por volta de 1546, tendo Antônio Gonçalves como o primeiro bibliotecário brasileiro (FONSECA, 1979; RASTELLI, CALDAS, 2017). Séculos mais tarde, em 1810, a instauração da Biblioteca Nacional – BN no Rio de Janeiro como parte dos esforços de Dom João para demarcar a nova capital

do império português (AZEVEDO, 1976) fez com que a noção de biblioteca, de bibliotecário e de preservação do conhecimento se propagassem por todo o país.

Em 1911, a BN estabeleceu um novo marco para a história da área: a criação do primeiro curso profissionalizante em Biblioteconomia nos moldes da *École National de Chartres*, executado na gestão de Peregrino da Silva e previamente idealizado por Ramiz Galvão. O intuito consistia no aprimoramento de funcionários da própria instituição (CASTRO, 2000; DIAS, 1991, 2015).

A Biblioteconomia praticada em solo brasileiro até este período foi fortemente definida pela tradição europeia. Assim, tanto o ideal de BN, de bibliotecário quanto a articulação do curso centram a Europa como referência em comum. Conforme Macena (2010) e Neddel (1993), o Rio de Janeiro vivenciou, de 1898 a 1914, a *belle époque* carioca, ainda que a influência de uma cultura europeia não seja restrita ao século XX, mas remonte ao período da colonização lusa.

Em 1929, a criação de um segundo curso em Biblioteconomia, organizado pelo *Mackenzie College* em São Paulo, adota uma vertente tecnicista e estadunidense (SOUZA, F., 1990) de modo que, não só rompe com o paradigma europeu como também com o perfil bibliotecário até então existente:

[...] a profissão bibliotecária foi definida, sobretudo a partir do século XX, como uma profissão feminina. No começo de seu desenvolvimento, associada aos ideais de conhecimento e sabedoria, os postos nas bibliotecas eram ocupados por homens. Com o aumento da tecnicidade da profissão, conjugada à saída das mulheres do espaço privado para o mundo do trabalho (mundo este pautado pelas relações de gênero) e a aproximação da Biblioteconomia com a Educação, a profissão e os cursos formadores de bibliotecários passam a atrair um grande contingente feminino (PIRES, 2016, p.19).

Conforme Kramer (1983), a partir do século XIX, a influência dos Estados Unidos no desenvolvimento da Biblioteconomia de outros países consistiu como uma prática comum. Tal fator foi crucial para que a Biblioteconomia se consagrasse como uma profissão predominantemente feminina, visto que desde 1887, Melvil Dewey<sup>1</sup> admitia mulheres em seu curso de formação para bibliotecários.

---

<sup>1</sup> Ainda que Melvil Dewey seja considerado o “pai da Biblioteconomia”, faz-se fundamental destacar que ele colecionou ao longo de sua vida inúmeras denúncias de assédio sexual, além de atitudes racistas contra judeus, afro-americanos e outras “minorias” (ALONSO ARÉVALO, 2018; BIBLIOO, 2019).

As pesquisas que mobilizam a categoria gênero são escassas, dispersas e de difícil acesso na literatura brasileira (LETA, 2003). No âmbito da Biblioteconomia, são poucos os autores que se interessam pela temática (ESPIRITO SANTO, 2008). Tedeschi (2010, p. 03) afirma que os estudos de gênero contribuem de modo significativo para a historiografia contemporânea, pois “[...] além de tirarem as mulheres da invisibilidade no passado, colocam um conjunto de questões-reflexões metodológicas importantes”.

Conforme Scott (1995, p. 08) gênero consiste em “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, [...] uma forma primeira de significar as relações de poder”. Assim, a noção de gênero permeia diversas esferas da nossa sociedade, de modo que delimita “[...] com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (SAFFIOTI, 1987, p. 08).

O processo de feminização ou de masculinização das profissões não são considerados quando se busca compreender a evolução de um determinado grupo profissional, aspectos estes de extrema relevância que, muitas vezes, permanecem marginalizados ou ignorados nas análises (KERGOAT, PICOT, LADA, 2009). No âmbito da Biblioteconomia, empreender a temática de gênero se faz como fundamental, pois

[..] há que se repensar e que se rever os valores cujo percurso passa pela reconstituição histórica do curso de Biblioteconomia no Brasil e pela correlação de força que foram estabelecidas para a sua inserção nas chamadas profissões de cunho liberal e na consciência de que as relações de gênero, por serem hierarquizadas, é que tem colocado as mulheres em situação de desprestígio social, principalmente naquelas profissões onde há o predomínio do sexo feminino (FERREIRA, 2003, p. 190)

O termo “trabalho feminino” engloba polissemias, pois “[...] alguns confundem “trabalho feminino” com as funções domésticas e os cuidados com a família e a casa; já outros entendem que ele envolve as atividades remuneradas realizadas no próprio domicílio e mesmo a participação de mulheres no mercado de trabalho” (MATOS, BORELLI, 2012, p.127). Souza e Guedes (2016, p. 124) pontuam ainda que “A não consideração dos afazeres domésticos como trabalho silenciou e tornou invisível, por muito tempo, relações assimétricas e de poder entre os sexos”.

A inserção de mulheres no mundo do trabalho ocorreu principalmente com o advento da Revolução Industrial Inglesa no século XVIII, momento este de ascensão do

capitalismo (TEIXEIRA, 2006). Conforme Matos e Borelli (2012) são diversos os motivos que levaram as mulheres a assumirem “funções produtivas”, assim

[...] abraçando habilmente as possibilidades existentes, ocupando brechas no mundo trabalho ou tomando para si postos e colocações antes vetados ou inacessíveis. Nesse processo, foram mais facilmente incorporadas ao mercado laboral quando assumiram ocupações para as quais eram consideradas hábeis ou vocacionadas (fiar, tecer, costurar, cuidar, servir) e enfrentaram maiores dificuldades quando foi necessário superar os preconceitos existentes, sobretudo nos setores mais conservadores, tidos como tradicionalmente masculinos (MATOS; BORELLI, 2012, p.127).

Além da industrialização e do capitalismo, os períodos pós guerras também contribuíram para que as mulheres entrassem no mundo trabalho. Na Primeira Guerra Mundial, além dos postos de enfermagem, as mulheres também ocuparam cargos nas indústrias têxteis voltadas para a confecção de uniformes para soldados, paraquedas e outros artigos de vestuário. Na Alemanha, França e Inglaterra foram solicitadas a trabalharem nos meios rurais. A remuneração se dava por meio de uma refeição ou mesmo uma quantia irrisória de dinheiro (TEIXEIRA, 2006).

Araújo (2019) destaca que a participação de mulheres se tornou necessária na Segunda Guerra Mundial, a partir de 1939 na ocupação de cargos antes ocupados pelos homens, visto que com o avanço da guerra eram poucos aqueles que continuavam trabalhando na indústria. Para as mulheres, a guerra significava uma oportunidade de trabalho, de melhoria de vida e de conquista de direitos, um meio para se libertar da vida doméstica. Entretanto, o trabalho foi questionado como elemento que comprometeria as “funções naturais” de mãe e esposa das mulheres (MATOS, BORELLI, 2012). Deste modo, as mulheres adentraram principalmente as áreas com semelhanças em comum com a maternidade, organização e administração do lar:

Com a entrada feminina no mundo do capital, há também toda uma preocupação com a sua profissionalização e com suas escolhas. Logicamente que, se são as mulheres que maternam, que cuidam dos filhos, do marido, da casa, dos doentes e das hortas, o sistema capitalista tinha, portanto, que engajá-las em profissões afinadas com essas tarefas. Daí que em nível do senso comum, vão se justificando suas escolhas por: magistério, enfermagem, nutrição, biblioteconomia, que de alguma forma são extensões das atividades domésticas (FERREIRA, 2003, p. 190).

Fenômeno similar ocorre no ambiente universitário. Nascimento, Ferreira e Baptista (1997) e Ferreira, Borges e Borges (2010) explicitam que a maioria das mulheres que buscam

a profissionalização privilegia às áreas de educação, saúde e ciências sociais, profissões estas reconhecidas tradicionalmente como femininas: assistentes sociais, bibliotecárias, enfermeiras e professoras.

Essas profissões compõem o chamado setor terciário da economia, setor este que, segundo Perrot (2007) é o que mais emprega mulheres principalmente nas ocupações marcadas pelo caráter doméstico feminino em que a “[...] importância do corpo e das aparências; função das qualidades dita femininas, dentre as quais mais importantes são o devotamento, a prestimosidade, o sorriso, etc.” predominam (PERROT, 2007, p. 123).

## 2 DESENVOLVIMENTO

A história da Biblioteconomia brasileira perpassa diversos acontecimentos político-sociais, tendo sido iniciada em uma época que a Biblioteconomia enquanto área não era citada, mas seu objeto de estudo – o livro, a leitura e as bibliotecas – estavam disponíveis a uma parcela da população. Nota-se uma carência de estudos acerca deste período pela Biblioteconomia contemporânea conforme sinalizam Rastelli e Caldas (2017, p. 90): “[...] quase a totalidade da produção sobre essa temática, notadamente no campo acadêmico, é oriunda das áreas de História e Letras. Trazendo o foco para a área da Biblioteconomia e Documentação e Ciência da Informação, verifica-se que há pouca atenção ao tema”.

Mediante o recorte necessário, apresenta-se a seguir aspectos basilares acerca do percurso histórico da Biblioteconomia brasileira.

**1546-1759 - Chegada das Ordens Religiosas:** Período marcado pelas bibliotecas religiosas ou bibliotecas particulares (FONSECA, 1979; RASTELLI, CALDAS, 2017). A educação de mulheres se restringia aos cuidados da casa, do marido e dos filhos (RIBEIRO, 2010).

**1677 - Criação do primeiro Convento:** O Convento de Santa Clara do Desterro em Salvador passou a representar a única opção de instrução para as mulheres (AZZI, RESENDE, 1983; GROSSI, 1995).

**1811 - Fundação da BN:** Para administração do acervo, dois bibliotecários foram nomeados por Dom João: o frei Gregório José Viegas e o Padre Joaquim Dâmas (MORAES, 2006).

**1911 - Curso de Biblioteconomia da BN:** criado sob influência da *École Nationale des Chartes*, voltado principalmente os funcionários da Biblioteca conforme constam nos relatórios administrativos da época (JUVÊNCIO, 2016; SOUZA, A., 1920).

**1926 - Adelpha Figueiredo, primeira bibliotecária:** foi convidada a gerir a Biblioteca do *Mackenzie College*, em São Paulo. Nessa mesma instituição em 1929, Adelpha conclui um curso elementar em Biblioteconomia ministrado pela bibliotecária estadunidense, Dorothy Gropp. Em 1931, Adelpha diploma-se em Biblioteconomia pela *American Association of University Women* nos Estados Unidos, ao retornar assume a direção da Biblioteca e o curso elementar do *Mackenzie* (BANDEIRA, 2007; CASTRO, 2000; MULIN, 2011; PENTEADO, 1967; RUSSO, 1966).

**1932 a 1942 - BN:** Em 1932, as primeiras mulheres adentram o curso de Biblioteconomia da BN, de modo que de um total de 31 matriculados, 10 são mulheres. Esse número aumenta expressivamente, pois em 1942, dez anos depois, do total de 264 matriculados, 238 eram mulheres. Em 1935, a BN admite as primeiras mulheres para o cargo de amanuense mediante concurso, já em 1943-1944 foi introduzido o cargo de professora-auxiliar no curso da BN, de modo que se tem as primeiras professoras no curso (GARCIA, 1939a; 1939b; WEITZEL, 2015).

**1936 - SP:** Nesse ano, o curso de Biblioteconomia do Mackenzie foi desativo, sendo criado um pelo Departamento de Cultura de São Paulo. A primeira turma de formandos deste curso totaliza 59 alunos, sendo 43 mulheres (CORREIO PAULISTANO, 1938; MULIM, 2011).

O breve resumo apresentado acima destaca alguns fatos centrais da história da Biblioteconomia com ênfase para a presença de mulheres neste percurso. Nos séculos iniciais, o papel da mulher foi o de se manter afastada dos ambientes de ensino ou mesmo profissional, sendo lentamente incorporada às escolas e universidades e, somente ao final da década de 1920, pode adentrar a profissão de bibliotecária.

Destaca-se que os apontamentos aqui levantados são de caráter inicial, de modo que se faz crucial o aprofundamento de estudos que dialoguem sobre a noção de gênero no âmbito da História da Biblioteconomia brasileira.

Assim, assinalam-se os seguintes aspectos reflexivos:

- O segundo curso em Biblioteconomia surgiu por intermédio do Mackenzie College, instituição pautada nos princípios pedagógicos estadunidenses. Deste modo, a organização da Biblioteca foi pautada em práticas biblioteconômicas veiculadas nos Estados Unidos, tendo Dorothy Gropp, bibliotecária norte-americana, responsável por introduzir Adelpha Figueiredo nas noções básicas da Biblioteconomia.

A Biblioteconomia se inscreve na “tendência liberal tecnicista”, cujo interesse central consiste na formação de indivíduos competentes para atuar no mercado de trabalho (SILVA, 2016). Ainda que o auge do tecnicismo no Brasil se dê em meados de 1960, vê-se claramente uma antecipação destes preceitos por parte deste segundo curso de Biblioteconomia do país. Muito provavelmente isso se deu pela influência direta dos Estados Unidos no *Mackenzie College*, no Departamento de Cultura e na Escola Livre de Sociologia e Política, pois o investimento financeiro foi prática comum da “política de boa vizinhança” pelos Estados Unidos nos países da América Latina.

Destaca-se ainda que a noção tecnicista se estende à pedagogia, tendo por base uma educação que privilegie a instrução e a transmissão de informações (SILVA, 2016; SAVIANI, 2013). Conforme pontuado por Fausto (2010) e Saviani (2013), a expansão educacional consiste em aspecto central do governo neste período, característica esta que se estende ao que foi apresentado por Mulin (2011) no âmbito da Biblioteconomia.

- Em 1929, a Biblioteconomia já se consagrava como uma profissão feminizada nos Estados Unidos, pois Dewey foi responsável por recrutar mulheres para o curso de Biblioteconomia iniciado em 1887, durante uma época em que o *Columbia College* era restrito aos homens (TRAUTMAN, 1954).

- A Biblioteconomia estadunidense se aproxima do Magistério, visto que nesta visão a biblioteca é concebida como uma extensão do ambiente escolar. Martucci (1996, p. 238) pontua que

[...] levanta-se a feminização da biblioteconomia na mesma perspectiva do magistério, pois em princípio parece que o bibliotecário foi encarado como um professor informal, que exercia sua função de educador fora do espaço formalizado do ensino, ocorrendo um deslocamento físico da sala de aula para a biblioteca.

Almeida (1998) pontua que o Magistério foi incorporado como essencialmente feminino, de modo que foi a única profissão que as mulheres tiveram acesso e assim, adentrarem o espaço público.

- A Biblioteconomia integra o Setor Terciário da Economia, responsável pela prestação de serviços. Um dos elementos que compõem esse setor é a Educação, fator este que, novamente, contribui para que a Biblioteconomia se desperte a presença de mulheres

A articulação destes fatores no curso de Biblioteconomia de São Paulo contribuiu para que a Biblioteconomia brasileira praticada até aquele momento se alterasse. Se

anteriormente tinha-se uma profissão masculinizada, ela agora passa a atrair um alto número de mulheres para a sala de aulas; os conhecimentos eruditos cedem espaço para técnicas; a BN passa a ter mulheres como funcionárias.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que a princípio seria um trabalho para enfatizar as mulheres pioneiras da Biblioteconomia brasileira, se tornou uma busca exaustiva por vestígios históricos que explicassem as causas da entrada de mulheres em uma profissão que até então, havia empregados somente homens.

Enfatiza-se ainda que a temática de gênero e da divisão sexual do trabalho ligado à área da Biblioteconomia consiste em um elemento pouco abordado no âmbito nacional, de modo que a escassez de referências bibliográficas que alicerçassem em totalidade o desenvolvimento desta pesquisa consistiu em uma característica recorrente. Deste modo, revelou-se a necessidade de não só empreender mais estudos na área acerca do tema, mas de recuperar e preservar as fontes históricas capazes de fundamentar as questões e demandas levantadas.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. **Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível**. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1998.

ALONSO ARÉVALO, J. A obscura história sobre os assédios sexuais de Melvil Dewey, o pai da biblioteconomia moderna. 2018. Disponível em: <https://biblioo.info/obscura-historia-sobre-os-assedios-sexuais-de-melvil-dewey/> Acesso em: 28 ago. 2021.

ARAÚJO, P. B. de. **A participação das mulheres na Segunda Guerra Mundial**: baseado nos estudos de Wendy Lower. 2019. 25 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/20297/1/TCC%20-%20PRISCILA%20BENEVIDES%20DE%20ARA%3%9AJO.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

AZEVEDO, F. de. **A Cultura Brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976. 238p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=255807&view=detalhes> Acesso em: 28 abr. 2020.

AZZI, R.; REZENDE, M. V. A vida religiosa feminina no Brasil colonial. In: AZZI, Riolando (org.). **A vida religiosa no Brasil**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982.

BANDEIRA, S. P. **O mestre dos livros**. Brasília: Briquet de Lemos, 2007. 129 p.

BIBLIOO. Associação Americana de Bibliotecas remove o nome de Dewey de seu prêmio. 2019. Disponível em: <https://biblioo.info/associacao-americana-de-bibliotecas-remove-o-nome-de-dewey-de-seu-premio/> Acesso em: 28 ago. 2021.

CASTRO, C. A. **História da Biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000.

CORREIO Paulistano. **Formatura dos bibliotecários do Departamento de Cultura e professorandas da Escola Normal "Padre Anchieta"**. São Paulo: Acervo Histórico FMVZ/USP, 1938. Disponível em: <http://www.acervohistorico.fmvz.usp.br/handle/123456789/183?show=full>. Acesso em: 11 set. 2019.

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DIAS, A. C. O ensino da Biblioteconomia do Brasil. In: UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Os 80 anos da primeira Escola de Biblioteconomia do Brasil**. Rio de Janeiro, 1991. 48 p.

DIAS, A. C. Na Biblioteca Nacional. In: PINHEIRO, Ana Virginia; CATALDO, Fabiano; GUERRERO, Laura Klemz. (Orgs.). 100 anos de instalação da Escola de Biblioteconomia no Brasil: 1915-2015: da Biblioteca Nacional à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). **Chronos**, Rio de Janeiro, v.1, n.10, 2015.

ESPÍRITO-SANTO, P. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 8, p.317-332, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/6389> Acesso em: 31 ago. 2017.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 13. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Edusp, 2010.  
FERREIRA, M. M. A/O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 189-201, ago. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-37862003000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862003000200007&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 01 set. 2017

FERREIRA, M.; BORGES, E. P.; BORGES, L. C. Mercado de trabalho e a desigualdade de gênero na profissão da/o bibliotecária/o. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO, E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 33., 2010, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2010.

FONSECA, E. N. **A Biblioteconomia brasileira no Contexto Mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

GARCIA, R. A. de A. A Biblioteca Nacional em 1935: Relatório. **Annaes da Bibliotheca Nacional**, Rio de Janeiro, V. LVII, 1939a.

GARCIA, R. A. de A. A Biblioteca Nacional em 1936: Relatório. **Annaes da Bibliotheca Nacional**, Rio de Janeiro, V. LVIII, 1939b.

GROSSI, M. P. Conventos e celibato feminino entre camponesas do Sul do Brasil. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 47-60, 1995. Disponível em: <http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/artigos-novo/> Acesso em: 09 mar. 2020.

JOB, I.; OLIVEIRA, D. A. Marcos históricos e legais do desenvolvimento da profissão de bibliotecário no Brasil. **Revista ACB**, [S.l.], v. 11, nº 2, p. 259-272, dez. 2006. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/449/565>. Acesso em: 04 maio 2020.

JUVÊNCIO, C. H. **Manoel Cícero Peregrino da Silva, a biblioteca nacional e as origens da documentação no Brasil**. 2016. 2 v. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Faculdade Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/22530> Acesso em: 23 jun. 2019.

KERGOAT, P.; PICOT, G.; LADA, E. Ofício, profissão, “bico”. In: HIRATA, H. et al. **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo, UNESP, 2009.

KRAMER, J. M. A formação dos bibliotecários nos Estados Unidos. **Palavra-Chave**, n.3, outubro 1983. Disponível em: <http://www.abecin.org.br/e-books/revistapalavra-chave/> Acesso em: 26 mar. 2020.

LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, v.17 n.49, São Paulo, set./dez. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0103-401420030003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-401420030003). Acesso em: 08 ago. 2017.

MACENA, F. F. **Madames, mademoiselles, melindrosas**: "feminino" e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914). 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_b6168611fe058e64d309f30619f4fd28](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_b6168611fe058e64d309f30619f4fd28) Acesso em: 18 ago. 2019.

MARTUCCI, E. M. A feminização e a profissionalização do magistério e da Biblioteconomia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, nov. 2007. ISSN 19815344. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/642>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

MATOS, M.; BORELLI, A. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

MORAES, R. B. de. **Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

MULIN, R. B. **Cultura e bibliotecas em São Paulo**: o pioneirismo de Adelpha Figueiredo. 2012. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UPM\\_a1ef7dffdc9562482e0f1bf65ac06313](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UPM_a1ef7dffdc9562482e0f1bf65ac06313) Acesso em: 18 ago. 2019.

NASCIMENTO, S. M. do; FERREIRA, M. M.; BATISTA, I. C. Gênero e universidade: uma abordagem na UFMA. In: PASSOS, E. S. (Org.). **O gênero nas universidades do Norte e do Nordeste**. Salvador: UFBA, 1997.

NEEDEL, J. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura na elite de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero**, v.5, n.5, out., 2004. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5664> Acesso em: 04 maio 2020.

PENTEADO, N. do V. Adelpha Silva Rodrigues Figueiredo: a mestra bibliotecária. **Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade**, São Paulo, v. 16, n.4, p. 11-14, 1967.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. 190 p.

PIRES, H. A. C. **Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade**: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em curso majoritariamente feminino. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AE6MYV> Acesso em: 23 jun. 2019.

PRADO, H. A. P. Entrevista. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 21, n. 3/4, p. 101-106, 1988. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11016> Acesso em: 16 set. 2017.

RASTELI, A.; CALDAS, R. F. Cultura letrada no Brasil colonial: bibliotecas, livros e leitura. **Páginas A&b: arquivos e bibliotecas**, Porto, n. 7, p.89-104, 2017. Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/2839> Acesso em: 23 abril 2019

RUSSO, L. G. M. **A biblioteconomia brasileira**: 1915-1965. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SCOTT, J. **Gênero uma categoria útil de análise histórica**. Recife: SOS corpo, 1990.

SILVA, A. V. M. da. A pedagogia tecnicista e a organização do sistema de ensino brasileiro. **Revista HISTEDBR**, Campinas, nº 70, p.197-209, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8644737/15765>  
Acesso em: 19 maio 2020.

SOUSA, B. A. de. **O gênero na Biblioteconomia: percepção de bibliotecários**. 2014. 270 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2014.

SOUSA, L. P. de; GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123- 139, ago. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 28 abr. 2020.

SOUZA, A. L. de. A Biblioteca Nacional em 1916: **Relatório. Annaes da Bibliotheca Nacional**, Rio de Janeiro, v. XXXIX, 1920.

SOUZA, F. das C. de. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: 1990.

TEDESCHI, L. A. O uso da categoria gênero na história das mulheres camponesas no Brasil: uma ferramenta necessária. **Anuário de Hojas de Warmi**, n.15, 2010. Disponível em: <http://docplayer.com.br/19121685-O-uso-da-categoriagenero-na-historia-das-mulherescamponesas-no-brasil-uma-ferramenta-necessaria.html> Acesso em: 04 maio 2020.

TEIXEIRA, C. M. As mulheres no mundo do trabalho: ação das mulheres, no setor fabril, para a ocupação e democratização dos espaços público e privado. **Psic.: Teor. e Pesq.** [online]. 2009, vol.25, n.2, pp.237-244. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722009000200012&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722009000200012&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: 04 maio 2020

TRAUTMAN, R. **A History of the School of Library Service Columbia University**. Columbia University Press: New York, 1954. Disponível em: <https://archive.org/details/historyofthescho011560mbp> Acesso em: 09 set. 2019.

WEITZEL, S. R. Professores e alunos fundadores, de 1915 a 1949. In: PINHEIRO, Ana Virginia; CATALDO, Fabiano; GUERRERO, Laura Klemz. (Orgs.). 100 anos de instalação da Escola de Biblioteconomia no Brasil: 1915-2015: da Biblioteca Nacional à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). **Chronos**, Rio de Janeiro, v.1, n.10, 2015.